

“MEU PAI ESTÁ EM CASA, MAS O QUE ELE ESTÁ FAZENDO?” ANÁLISES DE SURVEYS SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE HOMENS E MULHERES NO TRABALHO E NA VIDA DOS FILHOS.

Danielle Rodrigues ¹

O presente trabalho se refere a apresentação de uma atividade pedagógica envolvendo os alunos do Ensino Médio do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Cap/INES), realizada no Ano Letivo de 2023.

O aprendizado de Sociologia com alunos surdos envolve uma série de passos distintos daqueles que realizamos com alunos chamados pela Comunidade Surda de “ouvintes”, dado que parte do nosso aprendizado social se dá através da escuta: estar atento às discussões no âmbito familiar, assistir TV, caminhar pelas ruas e ouvir os assuntos, ouvir músicas, ver vídeos nas redes sociais, etc. Todo esse aparato traz uma carga de aprendizado que nós, professores, utilizamos no dia a dia da escola para discutir qualquer temática sociológica. A “Imaginação Sociológica” (MILLS, 1972) se refina a partir da discussão sobre temas que percebemos no senso comum e vão sendo “critizados” nas aulas de Sociologia.

Mas, como fazer com alunos surdos, que não possuem essa base do senso comum, já que suas famílias, em maioria, são de ouvintes que não falam LIBRAS no ambiente doméstico; a TV não dispõe de Intérprete de Língua de Sinais traduzindo seu conteúdo em tempo real; as redes sociais possuem um conteúdo muito restrito a influencers surdos, que nem sempre discutem os temas da vida cotidiana; e aí por diante?

O aluno que encontramos no Ensino Médio é composto por pessoas que desconhecem muitas das bases do senso comum. Isso pode parecer um presente, afinal, se deparar com alguém “em branco” é muito mais fácil de construir, porém, inspirado em Durkheim e Mauss (1995), as “formas primitivas de classificação” não estão postas, na maioria dos casos. Então, o ensino para surdos precisa muitas vezes ser iniciado com dados muito concretos, pautados em apresentação do mundo e observação de curiosidades. É desta perspectiva que se inicia a apresentação do trabalho pedagógico realizado.

“Gênero” é uma das temáticas mais trabalhadas no currículo de Sociologia no Ensino Médio, para isso, foi escolhido iniciar essa discussão com a diferenciação de “atividades de meninos” e “atividades de meninas”, discutindo roupas e brincadeiras, e trazendo o que ambas

¹ Professora Regente Bilíngue de Sociologia do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Cap - INES), mulher parda, moradora do Rio de Janeiro/RJ, contato: danielliveira@gmail.com



traziam para o impacto nas responsabilidades que homens e mulheres assumem quando chegam a vida adulta.

Um dos temas mais enfáticos, trazidos pelos alunos, foi o “brincar de boneca”, já que “brincar de bola”, meninas também fazem, mas meninos nunca brincam de boneca. A estratégia foi de, aos poucos, trazer o questionamento dos alunos sobre esse tema e ir anotando essas perguntas no quadro, buscando suas respostas, das mais diversas possibilidades. Ao fim da aula, os alunos precisavam chegar a um consenso que resumisse todas as dúvidas postas. Ela foi: “os meninos não aprendem a ser pai”. Como consequência, as meninas “precisam aprender a ser mães”. Essa conclusão precisava de maior profundidade: “será que, no futuro, os meninos realmente não viram pais quando adultos?”, foi a questão lançada a eles. E daí começamos a desenvolver o que é “ser pai”.

Trouxe o exemplo para minha própria experiência, já que não sou registrada pelo meu pai. A minha identidade foi scaneada e aumentada em um dos slides de aula e perguntei o que eles viam de estranho no meu documento. Rapidamente localizaram a ausência do nome paterno e uma chuva de perguntas se abateu neste dia. Todos olharam suas próprias carteiras de identidades e se sentiram aliviados por terem, na maioria, o nome do pai. Mas, só ter o nome bastava? Desta pergunta, iniciamos os estudos sobre “Paternidade no Brasil”.

Estudamos dados da Constituição Federal (BRASIL, 1988) sobre a Licença Paternidade, estudos relativos a Paternidade no Brasil (PROMUNDO, 2016), além de notícias sobre dados cartográficos sobre registro civil de paternidade no Brasil. O conhecimento se alicerçou em conhecer “o outro”. Mas, e “nós mesmos”? Foi neste momento que surgiram os surveys.

Os alunos da turma de 3º ano tiveram a tarefa de entrevistar todos os alunos do Ensino Médio, a partir de um questionário físico elaborado pela professora. Neste, estavam 9 perguntas, que versavam sobre “quem trabalha mais tempo nas atividades dentro de casa”, “quem trabalha mais tempo nas atividades fora de casa”, “quem tem nome do pai no documento de identidade”, se eles sentem o pai e a mãe presente, “quem cuida mais de você” e “quem conversa mais com você”. Antes do início da atividade, tivemos um debate sobre o que eles acreditavam que iam encontrar nas respostas. Inicialmente, eles viam o problema da ausência da paternidade centrada no “mundo exterior”, fora de suas realidades. Então, foi com essa energia que foram a aplicação.

A energia da escola ficou muito grande, já que os alunos nunca tinham sido entrevistadores, nem entrevistados. Os alunos do 3º ano aplicaram e também responderam os questionários feitos pelos colegas da própria turma, em aula. Esta atividade acabou sendo “teste da aplicação do questionário”, para que ali tirassem todas as dúvidas sobre a tarefa. Questionamentos como “eu já o conheço, vou marcar o que eu já sei” foi um tema bastante

interessante, pois discutimos sobre a isenção do entrevistador na atividade científica e que ele, mesmo discordando da resposta, precisaria respeitar o que o colega apontava.

Tabulamos juntos os 60 questionários resultantes no Google Forms (em um arquivo previamente realizado pela docente) em uma aula que discutimos sobre como os dados são produzidos. Na aula seguinte, após gerar os gráficos no tempo de planejamento semanal, discutimos os resultados².

Os dados seguiram a realidade brasileira, diferente do que eles esperavam: os homens que moram nas suas casas (irmãos, pais, avôs e tios) são os que gastam menos horas em trabalho doméstico (homens 3,4%; mulheres 73,3%; e trabalham igual 23,3%); porém, esses também são os que gastam menos horas em trabalho fora de casa (homens 30%; mulheres 41,7%; e trabalham igual 28,3%). 86,7% respondeu ter uma mãe presente, ao passo que o pai era presente para 63,3% dos alunos entrevistados. Porém, na pergunta “Quem mais conversa com você na sua casa?”, 88,3% afirmou ser a mãe; e em “Quem mais cuida de você na sua casa?”, a mãe representou 91,7% das afirmativas.

O impacto dessas afirmativas, especialmente as duas últimas, fez os discentes refletirem profundamente sobre como aqueles aprendizados gerados nas “brincadeiras de criança” impactam sobre a vida dos homens, mulheres e nas famílias, quando se tornam adultos.

A atividade final realizada pedia para que respondessem questões sobre o impacto de cada um dos gráficos gerados pela pesquisa na vida cotidiana, mas também sobre o impacto de tudo o que viram no mundo. Respostas scaneadas e que serão apresentadas futuramente versam sobre “sobrecarga de trabalho feminino”, “responsabilidade paterna”, “quem são os cuidadores na nossa sociedade”, “constituição de família”, “feminismo”, “patriarcado”, etc. Dito isto, a avaliação final é de que esta atividade possibilitou um enorme ganho reflexivo em uma temática tão presente em nosso cotidiano e na Sociologia. Além disso, temas como “Ciência”, “isenção científica” e “desafios da pesquisa” foram transversais ao longo desta prática.

Avalio que esta atividade gerou incômodo nos alunos e os fez refletir de uma forma mais global, não centrando o conhecimento apenas na ideia de “aconteceu isso com Fulano”. Os entraves da língua se mostram evidentes quando falamos em educação de surdos, por isso, atividades que busquem suas experiências individuais e as generalize é uma ação que a Sociologia nesta modalidade de ensino busca trabalhar. Porém, essa experiência didática se

² Os dados gerados não são fidedignos a uma contagem de tempo exata, já que isso não foi exigido dos alunos. As respostas são resultantes de suas percepções da vida doméstica.



mostra como possível de ser realizada não apenas para este grupo de estudantes, mas para qualquer perfil.

Referências.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Diário Oficial da União Brasília, 5 de outubro de 1988.

DURKHEIM, É., MAUSS, M. Algumas Formas Primitivas de Classificação (1903). In: MAUSS, M. Ensaio de Sociologia São Paulo: Ed. Perspectiva, 1995.

FEDERICI S. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante; 2019.

MILLS, C. W. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

PROMUNDO, Instituto. A situação da paternidade no Brasil 2019: Tempo de agir. Rio de Janeiro, Brasil: Promundo, 2019.

SORJ B. Socialização do cuidado e desigualdades sociais. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP. 2014;26(1):123-8.